

Walter Benjamin, narrativas e negação do luto no Brasil contemporâneo

Walter Benjamin, narratives and denial of mourning in contemporary Brazil

Marcelo Santana Ferreira

Resumo

A partir de alguns dados sobre a morte do menino negro Miguel Otávio de cinco anos de idade em 2020 na cidade do Recife, em Pernambuco, o ensaio sugere uma problematização da morte em sua intermitência no Brasil contemporâneo, principalmente remetida às minorias e aos trabalhadores. Dialogando com o pensamento de Walter Benjamin em sua conexão com as personagens esquecidas e limiares de Franz Kafka, se procura uma forma de defender a experiência de narrar como antídoto ao esquecimento compulsório e a repetição da violência que parecem ser constitutivos de nossa própria ideia de país. Como se trata de um ensaio, se procura defender a fecundidade do trabalho ético da memória, tal como defendido no pensamento de Benjamin, uma vítima emblemática da perseguição nazista, na tentativa de contribuir para a inquietação metodológica diante do caráter repetitivo do presente em nosso país.

Palavras-chave

Narrativa, Walter Benjamin, Brasil contemporâneo.

Abstract

Based on some data on the death of the five-year-old black boy Miguel Otávio in the city of Recife in 2020, in Pernambuco, the essay suggests a problematization of death in its intermittency in contemporary Brazil, mainly sent to minorities and workers. Dialoging with the thought of Walter Benjamin in his connection with the forgotten and thresholds characters of Franz Kafka, we look for a way to defend the experience of narrating as an antidote to compulsory forgetfulness and the repetition of violence that seem to be constitutive of our own idea of country. As this is an essay, we seek to defend the fruitfulness of the ethical work of memory, as defended in the thought of Benjamin, an emblematic victim of Nazi persecution, in an attempt to contribute to the methodological unrest in view of the repetitive character of the present in our country.

Keywords

Narrative, Walter Benjamin, Contemporary Brazil.

**Marcelo Santana
Ferreira**

**Universidade Federal
Fluminense (UFF)**

Professor Associado de
Psicologia Social do Instituto de
Psicologia e Professor
Permanente do Programa de
Pós-graduação (Estudos da
Subjetividade) ambos na
Universidade Federal
Fluminense.

celo.sferreira@gmail.com

No país negro e racista
 No coração da América Latina
 Na cidade do Recife
 Terça feira 2 de junho de dois mil e vinte
 Vinte e nove graus Celsius
 Céu claro
 Sai pra trabalhar a empregada
 Mesmo no meio da pandemia
 E por isso ela leva pela mão
 Miguel, cinco anos
 Nome de anjo
 Miguel Otávio
 Primeiro e único
 Trinta e cinco metros de voo
 Do nono andar
 Cinquenta e nove segundos n antes de sua mãe voltar
 O destino de Ícaro
 O sangue de preto
 As asas de ar
 O destino de Ícaro
 O sangue de preto
 As asas de ar
 No país negro e racista
 No coração da América Latina (2 de Junho, 2020).

I. Introdução: Miguel

Um menino negro morreu ao cair do nono andar de um prédio à beira-mar no Recife, Pernambuco, Brasil. Sob a guarda da patroa de sua mãe, alguns segundos foram suficientes para que perdesse a vida, esgueirando-se entre parco material que lhe poderia proteger e dirigindo-se ao chão. Menino negro, patroa branca, vida interrompida. Não demorou muito para que velhos signos da história do país fossem recolocados em discussão pública. A exiguidade da infância negra, a frivolidade da atenção branca, o familiarismo servil imposto aos empregados da patroa branca, a brevidade da indignação, a dicotomia dos tribunais erguidos material e imagética-mente sobre a perda irreparável do menino negro.

A morte do menino negro é mais uma morte imposta ao país. A morte de crianças e jovens negros e periféricos no país se tornou imagem recorrente da história do nosso próprio país, sendo uma das bases de sustentação daquilo que entendemos ser o que nos define: desterramento de povos originários, conspurcação do passado, interrupção violenta do presente, apagamento compulsório de infâncias subalternas. São tantas as possibilidades de incluir a violenta morte do menino negro na continuidade da história do Brasil, que as imagens parecem se sobrepor, impondo-nos a reiteração do isolamento privatista que vivemos sob a pandemia de covid-19. Não estamos muito distantes do luto abreviado das mães periféricas, obrigadas a sentir, de novo, a perda, sem ter iniciado a sua dolorosa elaboração. Quando a morte se torna um lugar-comum, costuma-se pensar o Brasil como uma ampliada cova ou um extenso túmulo precariamente tapado. A morte e o túmulo, signos do Brasil.

No século iniciado há pouco, ainda é pertinente pensar o Brasil remetendo-o ao passado, como se fosse uma mácula e uma báculo de nossa

própria identidade, a compulsoriedade de uma remissão ao passado. Para explicar o Brasil, seu passado colonial. Para entender os rumos autoritários de sua “jovem” democracia, não podemos deixar de considerar a violenta ditadura civil-militar que ainda não foi devidamente reconhecida. O Brasil é um passado estendido. Contra todas as indicações lineares e progressivas a respeito do nosso país, gostaria de sugerir que o processo de secularização do tempo linear é parte constitutiva da concepção cumulativa da história oficial que contamos sobre nós. O presente nunca deixou de ser o passado. Como nação remetida a uma conceitualização evolucionista, estaremos sempre defasados em relação a nós mesmos. No entanto, urge propor rascunhos de uma temporalização que não seja sucessiva, uma vez que nos vemos remetidos, quase que obrigatoriamente, a enxergar o presente como passado “ainda”. O círculo infernal do passado “ainda” pode ser interrompido por intermédio de esforço interpretativo sobre o presente.

O passado, ainda. Walter Benjamin, pensador judeu alemão nascido no fim do século XIX e morto antes do fim da Segunda Guerra Mundial na fronteira franco-espanhola, tentando fugir, de forma retardatária, da perseguição nazista em direção à América, suicidou-se ingerindo tabletes de morfina em 27 de setembro de 1940. Fugitivo político e intelectual de primeira grandeza, o pensador se dirigia às crianças em transmissões radiofônicas no intuito pedagógico de estabelecimento de um diálogo franco e libertador, ao esforçar-se por sobreviver durante sua itinerância por parte da Europa no contexto do entreguerras. Recentemente, alguns de seus textos utilizados como material para transmissão radiofônica no período de 1927 a 1932 na Alemanha foram traduzidos do alemão ao português do Brasil. Percebe-se, em parte daquele material, um esforço quase paroxístico de problematizar a função política da voz por intermédio do exercício narrativo. São vozes que se aproximam do microcosmos infantil, convertendo a tecnologia em curso nas transmissões em oportunidade para um contágio de novas gerações, indicação do impulso de preservação do que se sabe naquilo que admirará. Benjamin (2015) interroga e reconta histórias complexas, transita por Goethe e alcança o dialeto berlinense, evocando a diversidade de línguas no interior de uma mesma língua

(...) existe uma língua particular falada pelos estudantes. Assim existem também expressões particulares entre os trabalhadores, os esportistas, entre os soldados, os ladrões, e assim por diante. E todas estas línguas contribuem de alguma forma para o berlinês, pois é exatamente em Berlim que todas essas pessoas convivem em grandes massas, nas mais diversas profissões e posições sociais (BENJAMIN, 2015, p. 12).

II. Walter Benjamin: memória e narrabilidade

Trabalhando para sobreviver, o pensador judeu alemão traz ao contexto das primeiras décadas do século XX um aspecto do Iluminismo como um movimento que se direciona à formação de um vínculo entre as gerações, evocando uma terna empiria para narrar uma situação complexa, o desvario da modernidade urbana que junta pessoas distintas em um mesmo torvelinho de sensações, embora obrigue a um desdobramento particular de destinos. A língua dos estudantes não se confundiria com a língua dos trabalhadores, obrigando a língua alemã a uma ininterrupta variação, permitindo que ressoasse no tempo, incluindo em si as modificações minúsculas e práticas dos dias comuns. O pensador testou a relação entre as variações e a permanência, bem como entre o novo e o antigo. Narrar é uma das práticas mais emblemáticas da inclusão da variação extrema e individual no curso da memória do mundo: tomadas de posição circunscritas a contextos históricos particulares se juntam no jorro do tempo, desindividualizando as histórias, abarcando a provisoriedade das

existências, estabelecendo-se como a prova do tempo na invenção daquilo que somos. Não foi casual que Walter Benjamin tenha se dirigido aos narradores e narradoras da tradição oral como imagem arquetípica do historiador materialista, uma vez que, na ciência que se forja da passagem do tempo, se inclui a ressonância da voz que funda a cadeia do que se entende por tradição. Os corpos que já se extinguíram são imaginados por intermédio dos gestos ao se dirigirem a outros corpos, não apenas em termos interpelativos.

Estudantes e crianças são importantes interlocutores para a articulação da obra inconclusa do pensador. As crianças – e, também, a criança que o pensador foi – trazem para perto de si os objetos e as palavras que dirigimos a elas. Nos fragmentos ilusoriamente autóctones de textos autobiográficos de Walter Benjamin, são os restos da infância que ressoam na composição daquilo que se escreve, não mais a infância de “quem”, mas a tomada de consciência tardia daquilo que estava lá – no passado – e relampeja, agora, no texto, na tenacidade do trabalho de escrita que se depara com a ruína das coisas. Com aquilo que trazemos, no impulso de desfazer o que parece pronto e dado em direção à inconclusividade do próprio tempo, o pensador imagina que a infância seja capaz de uma espécie de integração e de recomposição do presente, uma vez que “a criança é capaz de fazer algo que o adulto não consegue: rememorar o novo” (BENJAMIN, 2018, p. 662). Invertendo o sentido do tempo, o pensador procura estabelecer, material e simbolicamente, uma politização do passado, incluindo o presente como vórtice na história. Crianças e estudantes, de diferentes maneiras, excluem a continuidade como modelo compulsório de compreensão do tempo, uma vez que se detenham em direção às próprias coisas, à banalidade das tarefas cotidianas, aos esconderijos do futuro nas dobras do tempo.

A memória sempre foi uma questão central para o pensador. O poder germinativo das histórias, ainda passíveis de serem destinadas a novos interlocutores, é a característica inquietante das práticas narrativas. Ao dedicarem-se a persistir nas imagens do passado, narradores e narradoras mobilizam o inacabamento do que restou, convertendo a sobra em semente benfazeja, embora nem todo conteúdo narrativo seja dócil ou positivo. Nem toda memória é parte inalienável daquele ou daquela que lembra, como se pode depreender do material escrito formulado por Walter Benjamin. O legado que o pensador oferece – e o que ainda ressoa – se dirige, também, ao trabalho que se necessita empreender diante das dores sufocadas, das personagens esquecidas, da finitude antecipada e da colonização reiterada das coisas e de parte significativa da humanidade. As crianças vislumbram os fragmentos soterrados pelo tempo dominante. Esmaecido pelo triunfo do relógio, o passado retomado pela lembrança é uma imagem do próprio presente. Justamente nesta retomada, que não é primariamente intencional, o conhecimento histórico pode exigir a articulação de um exercício ético, uma vez que o trabalho em torno da verdade não pode ser realizado sem o confronto com aquilo que nos tornamos no tempo. O próprio pensador sugere que

(...) enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura (BENJAMIN, 2018, p. 768).

O conhecer, prossegue o pensador no texto descontínuo, se liga a um núcleo temporal que se encontra no que é conhecido e naquele que conhece (BENJAMIN, 2018, p. 768). O momento da escrita de Walter Benjamin é perigoso e crítico, o pensador sentiu em sua própria vida a condição

massiva da indignidade imposta pelos governantes nazistas e fascistas a parte não negligenciável de cidadãos convertidos em inimigos históricos. O perigo do momento crítico se recrudescer com o esforço de legibilidade que se desenha diante das ruínas do projeto civilizatório em países ocidentais que já haviam imposto às antigas colônias na América e na África, morte, expropriação, desumanização e desterramento. Fugir da absurda violência normativa não foi possível para Walter Benjamin, sua escrita nos devolve uma imagem aterradora do passado que “ainda” é nosso presente. O procedimento da escrita que se debruça sobre parte da infância para rememorar a novidade aparente da reiteração da modernidade capitalista das primeiras décadas do século XX se configura como leitura, dirigindo-se ao que nós ainda somos remetidos à repetição da violência que se abate sobre meninos e meninas negras, famílias pobres e periféricas, existências dissidentes, humanidades heterogêneas. O perigo está a nossa espreita, alcançando os filhos e filhas das empregadas domésticas e trabalhadores cada vez mais empobrecidos, arrancando do presente, existências consideradas descartáveis, obrigando, politicamente e cognitivamente, que o presente coincida com o passado. A legibilidade do presente só pode ser defendida por intermédio de uma crítica à suposta normativa do tempo sucessivo da história oficial. O tempo dominante é o tempo da barbárie, a coincidência entre passado e presente é parte constitutiva da elaboração do triunfo desumanizador. Reminiscências dissidentes só podem ser desdobradas, considerando-se o estatuto perigoso da leitura, uma vez que não é a natureza do tempo que se reitera em nossa própria história. Existem múltiplas temporalidades no bojo de um mesmo país. Ontologias temporais marginais fazem parte de nossa história, resta a oportunidade de perquirir não somente o que lembramos, mas o que nos tornamos ao lembrarmos e evocarmos aquilo que foi interrompido e silenciado. Como nossa dor e nosso riso.

A perda de alguém não pode ser medida apenas pela sua ausência, mas também pela incômoda imagem de que, talvez, sua presença fosse incontornável no futuro em que ela não será mais possível. Esse encontro no futuro poderia ser propiciado pela imagem fulgurante, intensa, do risco extremo que corremos ao assumir, dolorosamente, que mais uma vida perdida não conta. Não poderia saber Walter Benjamin que, nas décadas iniciais do século XXI, homens negros seriam asfixiados pela polícia durante a transmissão de imagens insuportáveis que normatizam a eliminação dos que são considerados vencidos pela história. Nos Estados Unidos da América, a eliminação de negros e pobres se tornou recorrente. No Brasil, embora desejemos corresponder a perspectiva de um país do futuro, a morte dos vencidos é consumida midiaticamente, em tom cotidiano e incontornável. Quando não se morre pela mão da polícia, se é abandonado precocemente, ou se tem o destino traçado pelo indisfarçável consentimento de diferentes normatividades. A negação da vida converge com a eliminação material de existências concretas, tangíveis, embora invisibilizadas. Uma criança negra, um jovem da periferia, uma travesti com olhos arrancados, uma vida dissidente. O passado, ainda.

Walter Benjamin contava com o futuro. Escrever um ensaio no limite de suas próprias forças e de sua própria esperança só pode estender-se ao futuro, mesmo que seja o futuro do pretérito. A conversão política do passado em uma operação de futuro do pretérito se desenha na mixagem da obra de pensamento em que a influência do marxismo e da poética de Baudelaire se alinha à atenção sobre aquilo que passa, que transita, que se difere continuamente de si mesmo. Estar atento ao “instante mesmo” em que se está imerso é perigoso, mas é viável como exercício ético de leitura do que não foi ainda visto em torno do passado que se dirige a nós, não apenas como maldição e nem totalmente como esperança, por requerer nossa presença. “O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 2008, p.

224). Como poderia um narrador fazer-se presente ao momento mesmo em que transmite uma história? Para que acabe o sentido reiterativo e asfixiante do presente como repetição do passado, é preciso que abandonemos o passado como um projeto, desde que possamos reconhecê-lo.

Para onde Walter Benjamin fugiria, quando estava tentando sobreviver ao nazismo em 1940 e foi interrompido na fronteira franco-espanhola? Em que país supomos estar, quando confiamos nossos filhos e filhas ao zelo dos patrões? Vivemos no passado, ainda. Estancados os fluxos da esperança, o subúrbio em que vivi quando era criança parece obsoleto e moralista, parte da energia investida no projeto totalitário contemporâneo. Franqueza virou violência, desejo virou imposição, medo virou fantasia de controle, o Brasil vai ser deixado para o futuro, mais uma vez.

O pragmatismo da escrita de Walter Benjamin nos relança as urgências políticas de não abdicarmos de ler o presente, aqui, agora. A legibilidade interrompe a fatalidade, temos sorte por ainda termos tempo de ler as linhas que fazem coincidir o passado com o presente e de ensaiar a elaboração da interrupção da esperança como puro adiamento. A lembrança não é apenas saudosismo ou idealização, mas apelo do que ainda não foi concluído.

III. Odradeck: personagem de Franz Kafka, o que jaz esquecido

Talvez ainda exista beleza no lugar em que fomos crianças: uma ascese em direção ao presente, sob os riscos que lhe são imanes. Walter Benjamin legou-nos textos inconclusos e de extrema fertilidade, que evidenciaram a composição de personagens resistentes a evidência violenta do fascismo, da teleologia histórica e da previsibilidade do futuro. Como ainda estamos vivos, como essas personagens reivindicam uma outra política do tempo, reposicionando os desejos da legião urbana, a inocência das infâncias abruptamente interrompidas e a inconclusividade de um país que nunca se chegará a conhecer definitivamente? Foi em Franz Kafka que Benjamin encontrou uma inspiração que nos poderá ser útil, mas somente se aceitarmos o fato de que são os mortos, os vencidos e os esquecidos que nos convidam a não abdicarmos da inevitável urgência do agora, disso que aqui se apresenta. É possível ensaiar um gesto de persistência que não sucumba à melancolia do país do futuro. Jogando, estudando e lendo.

No conjunto de personagens memoráveis de Franz Kafka, Walter Benjamin elegeu os estudantes como protagonistas de uma ascese infinda em um mundo complexo, um paroxismo de questões que os atravessam e, talvez, exauram alguns narradores.

Os estudantes não dormem, por causa dos seus estudos, e talvez a maior virtude dos estudos é mantê-los acordados. O artista da fome jejua, o guardião da porta silencia e os estudantes velam: assim, ocultas, operam em Kafka as grandes regras da ascese (BENJAMIN, 2008, p. 181).

A ascese das personagens multiplica os sentidos de uma experiência de retraimento e aproximação em relação ao mundo. Inconcluso o processo, são as arbitrariedades do mundo que se intensificam, é o inacabamento de algumas personagens junto ao seu indisfarçável riso mesclado com barulho de folhas que as destaca de outras personagens. Odradeck é uma das personagens mais curiosas, feita de coisas aleatórias (KAFKA, 1994, p. 41), dotada de um pulmão que opera como os círculos de folhas levantadas pelo vento em uma tarde melancólica de outono. Personagens limiares e inacabados. O grande legado de Kafka, na crítica benjaminiana, talvez possa ser posicionado em relação às atmosferas irrespiráveis por onde o escritor

tcheco teve de transitar, performadas esteticamente em alguns dos seus textos. Um problema de respiração em sua semântica (e sintática) literária e política, como não poderia deixar de ser na obra que Gilles Deleuze e Felix Guattari (2017) consideravam imediatamente política. Criticando a perspectiva de que a literatura possa ser sempre remetida à biografia do autor, os pensadores franceses sugerem os conceitos de agenciamento coletivo de enunciação e de literatura menor, como procedimentos estéticos e políticos em que se interrompe a obviedade das línguas oficiais e em que a contiguidade do desejo banha espaços e narrativas que não encontram seu nexos, forçosamente, na vida pessoal do autor. Afirmam os pensadores a respeito da obra de Kafka:

(...) não basta dizer que o agenciamento produz o enunciado como o faria um sujeito; ele é em si mesmo um agenciamento de enunciação em um processo que não deixa lugar para um sujeito qualquer assinalável, mas que permite tanto mais marcar a natureza e a função dos enunciados, já que estes não existem a não ser como engrenagens de um tal agenciamento [não como efeitos nem produtos] (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 111).

Definindo a literatura como um agenciamento coletivo de enunciação, os pensadores propiciam o primeiro gesto interpretativo para que nos aproximemos de algumas personagens e da persistência da escrita como medida política e clínica diante da aridez do presente. A naturalização da morte de crianças e jovens periféricos, a extrema precarização das condições de existência de trabalhadores e trabalhadoras, o assassinato rotineiro de líderes políticos de esquerda e de ativistas pelos direitos humanos em nosso país é o cenário de exaustão do projeto político e econômico que nos é imposto, insistência longínqua na morte e no apagamento como forma de governamentalidade, o paradoxo não mais disfarçado do evolucionismo econômico que objetificou a tragédia como a representação que cabe aos excluídos. Mesmo que não seja dirigida ao presente a possibilidade de absorver e desdobrar esperança, deve haver aqueles que sobreviverão a nós com a centelha do que reconhecemos como audácia, ousadia e humor. Odradeck responde às interpelações com uma espécie de riso e é possível que se reconheça nele uma forma que o aproxima de uma criança.

Tal perspectiva crítica viabiliza que, agora, desenhemos uma linha transversal em que aspectos do Brasil contemporâneo possam ser lidos com o auxílio de escritas malditas e experimentais em que o adiamento ontológico de um povo por vir impede e freia as tendências totalitárias de uma unidade linguística e moral que reitera, velozmente, a exclusão de variações, diferenças, desejos, entoações, línguas, estéticas, vidas, mundos.

Questões pessoais, cósmicas, espirituais, metafísicas, novos de personagens para quem ainda há esperança. Pela pena de Walter Benjamin, entendemos que, sobre as criaturas de Kafka,

Nenhuma (...) tem um lugar fixo, um contorno fixo e próprio, não há nenhuma que não esteja ou subindo ou descendo, nenhuma que não seja intercambiável com um vizinho ou um inimigo, nenhuma que não tenha consumido o tempo à sua disposição, permanecendo imatura, nenhuma que não esteja profundamente esgotada, e ao mesmo tempo no início de uma grande jornada. Impossível falar aqui de ordens e hierarquias. (BENJAMIN, 2008, p. 143).

Algumas personagens não dormem nunca, como os loucos, evocando, talvez, a ascese dos estudantes e a relutância das crianças em ir para a cama, por medo de perderem o melhor. Uma ascese que não se interrompe diante

dos riscos do esgotamento chama, profundamente, a atenção de Walter Benjamin, o intelectual que chegou tarde demais na fronteira que poderia lhe salvar a vida.

Diante de um contexto árido, em que a desesperança virou um tônus, em que a asfixia simbólica das informações e das imagens midiáticas se mesclou à asfixia material de manifestantes negros e transeuntes negros e dissidentes no Brasil e nos Estados Unidos, a morte de Miguel é mais um estrondoso aviso de incêndio. Mortos os que nem chegaram a crescer, mortos os que se espriam pelo país fugindo da perseguição maciça dos assassinos que governam, nenhum alento quanto ao futuro.

IV. Não somente a mim: memórias pessoais e memórias políticas

A primeira vez que retornei ao bairro em que morei quando era criança foi melancólica e breve. Não sabia mais se aquele lugar correspondia à rua comprida e íngreme em que meus amigos desciam de carrinho de rolimã; não sabia mais se o cheiro de pão fresco saía mesmo do mesmo forno em que o peru de Natal de toda a vizinhança era assado; não sabia mais se a água fresca que saía das pias dos tanques de lavar roupa encontrava mesmo nossas mãos infantis em concha. Não sabia se os machucados sangrentos em nossas pernas tinham sido cicatrizados durante as semanas sem ir à escola nem se a nudez dos meus amigos tinha sido mesmo vislumbrada por meus olhos, ou se era prova irrefutável de que não conhecia mais o lugar em que nasci, nossa miúda utopia juvenil. Perdido no meu bairro, dirigi-me ao livro de escritos que receberam o nome de “espólio” em relação a obra de Kafka.

Diante do espólio, sinto o embaraço a que somos lançados e a beleza do que é inclassificável. Como a personagem Odradeck, personagem limiar e quimérica, hiato constitutivo de uma possibilidade de relacionalidade entre humano e não humano que indica a atualidade perigosa das vertigens políticas que subsidiam nossa experiência do presente. Não mais perplexo diante do bairro em que ainda caibo, embora esteja muito distante dele, sinto que por mais que me aproxime do lugar onde vivi, uma distância incontornável, uma distância ontológica e política parece exigir outro tipo de exercício de legibilidade. A barbárie não está em contradição com a civilização, assim como o riso como um farfalhar de folhas de Odradeck não está distante da situação irrespirável dos indígenas perseguidos e assassinados na reativação do *devoir* mercadoria e rebaixamento imposto a parte significativa do mundo. Os restos do que compõem Odradeck podem contribuir para o estabelecimento de políticas de legibilidade sobre o presente, são mais de oito décadas que nos distanciam do texto de Kafka, oito décadas suprimidas abruptamente diante das imagens de sufocamento e de esmagamento, de endereço indefinido, de destino improvável, de facas afiadas para a eliminação moral e física de minorias. Absorto diante da beleza insuportável do lugar em que fui criança, recorro ao exercício de Kafka sobre as portas fechadas em que os familiares de uma visita parecem ocultar histórias, sendo os ocultamentos recíprocos. O que esquecemos de considerar sobre nós mesmos? O que tem sido ocultado, embora já tenha sido vociferado não apenas como *slogan*, mas, fundamentalmente, como imperativo irrefletido, ou seja, apenas para alguns brasileiros cabe persistir reivindicando sua inalienável conexão com a nação? Tímidos e atrasados, como muitos dos meus próprios interlocutores, nos sentimos deslocados como o filho que visita a velha propriedade rural do seu pai,

(...) Aparelhos velhos, imprestáveis, misturados uns aos outros, obstruem o caminho para a escada do pavimento térreo. O gato espreita em cima do corrimão. Um pano rasgado, alguma vez enrolado por brincadeira numa estaca, se agita ao vento. Cheguei. Quem vai me receber? Quem espera atrás

da porta da cozinha? Sai fumaça da chaminé, o café do jantar está sendo preparado. Isso lhe é familiar, você se sente em casa? Não sei, estou muito inseguro. É a casa de meu pai, mas está fria pedaço por pedaço, como se todos estivessem às voltas com seus assuntos, que eu em parte esqueci e em parte nunca conheci. (...)E não ousa bater à porta da cozinha, só ouço de longe, só ouço de longe e em pé, de maneira a não ser surpreendido como quem está ali escutando. E porque ouço à distância, não capto nada, só escuto uma leve batida de relógio, ou talvez apenas julgue ouvi-la, que vem dos dias da infância. (...) Quanto mais a pessoa hesita diante da porta, tanto mais estranha se torna. Como seria se alguém abrisse agora a porta e me perguntasse alguma coisa? (KAFKA, 2002, p. 139-140).

Resguardando as essenciais diferenças de contexto e de recepção do legado de Kafka, defendo que as estratégias de propaganda totalitarista, o moralismo capilarizado em nossa sociedade, a cumplicidade de parte das classes populares e da classe média com a eliminação de minorias e o autoflagelo imposto a contingentes de homens e mulheres que não se definem mais como cidadãos ressoam a cena do escrito que é parte do espólio kafkiano, o relógio que marcava as horas da infância, as palavras e os gestos que nos ocultavam uns aos outros, nós, com nossas dissidências silenciosas ou eloquentes e nossos irmãos, primos, amigos, colegas de rua, com suas dores adiadas de reconhecimento, seus projetos inexecutáveis. Como será quando retornamos aos lugares que nunca saíram de nós? A impossibilidade linguística de contornar xingamentos e palavras de ordem é útil para a arquitetura da profusão de ruínas daquilo que imaginávamos estar produzindo. Sentindo a espessura do silêncio que nos foi ofertado, alguma abertura advirá. Não necessariamente da porta em que jaz, doentio e trêmulo, o guardião moralista que está tanto dentro quanto fora de nós. O luto das vidas anônimas que foram perdidas precisa começar, já atrasado. Não sabemos como estarão os lugares amados em que nos tornamos o que somos. Talvez um zelo pela distância permita que não seja apenas queda ou decepção as únicas formas de lidar com o país que teimávamos em não conhecer.

Não será, decerto, simples ou anódino o confronto com a barbárie que se mescla ao que entendemos por civilização. A apropriação fascista da experiência popular performa uma rapidez incompreensível ao jogar por terra a delicadeza, a ternura, a alegria, a solidariedade, o desejo por projetos comuns. A rapidez da apropriação ainda reivindica a eficácia dos mecanismos de propaganda que sustentam os gradientes mais frágeis de nossas relações com visões de mundo com as quais não convivemos, ou com as quais não achávamos que convívamos. O presente requer uma ascese, mais do que uma interpretação certa ou definitiva. A ascese sobre aquilo que nos tornamos, sobre as coisas que nos transpassam, sobre as imagens que se tornaram corriqueiras e as mensagens que nos chegam, impertinentes e emblemáticas, sobre a chegada do fim. Enorme desafio geracional, crise política e crise linguística, não precisamos apenas de um novo léxico, precisamos de ar, de meditação, precisamos arrancar o passado das mãos dos supostos vencedores e reinaugurar o jogo político, exigindo que nossa experiência de dor e de perda não seja apenas contornada com a massificação dos procedimentos de saúde mental, que brevemente se tornarão necessários, mas que seja legitimada como a ranhura e a marca daquilo que tem um propósito. As mudanças decisivas sofridas pelo mundo não serão compreendidas e transcendidas sem que a imanência das histórias interrompidas encontre a atitude mínima diante do que nos foi arrancado, não mais o silêncio que ignora, mas o silêncio do zelo em relação ao que precisa ser enunciado. É preciso forjar políticas de transmissão que retomem a tradição como mescla não unificável de narrativas e projetos de humanidade. O progresso nos tem sufocado, na imposição de uma temporalidade em continuidade com a barbárie. Interromper a

continuidade é um gesto estético, político, cognitivo, erótico, semântico e sintático. Não se trata do passado, ainda. Se trata do presente, agora. Para que não percamos mais uma oportunidade de reavermos do passado a centelha de força messiânica em relação às imagens do tempo que concernem a nós, por maior que sempre seja a perda quando lidamos com o tempo que passa e com o relógio que marca as horas que, um dia, já foram vividas por nós. Como nos lembra Walter Benjamin, viajante que não conseguiu chegar ao continente americano, fugindo da marcha nazista que já se aproximava, perigosamente, dele e de seus amigos: “A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (BENJAMIN, 2008, p. 229).

A política do tempo em defesa nas *Teses sobre o conceito de história*, texto derradeiro do pensador judeu alemão, ressoa as horas com as quais não podemos simplesmente nos apaziguar, uma vez que já foram perdidas e só podem ser retomadas em correspondência às horas que não são vazias ou mecânicas, mas em que podemos tentar captar, talvez na milésima tentativa, o alcance do riso de Odradeck e do som indefinido de um pulmão que não parece mais estar ali. E tudo o que precisamos, agora, é respirar.

Uma política do tempo que não seja vazio ou homogêneo só pode ser desdobrada com o devido apreço por aquilo que não havia sido levado em consideração, havia sido esquecido, ou mesmo, não reconhecido. No Brasil contemporâneo, nossos desconhecimentos recíprocos precisam ser considerados com coragem e astúcia. A devastação política do totalitarismo necessita que todos se sintam ameaçados permanentemente, como expressão de uma governabilidade que se nutre do medo, do caos e da liquidação do tempo. O luto interromperá a barbárie, a visada política sobre o presente interromperá sua coincidência com o passado. A morte de Miguel, o compulsório esvaziamento dos espaços públicos sob a continuidade de uma epidemia, o abandono dos pobres e das minorias à sua própria sorte são parte do grave problema que o presente nos colocou. Reivindicar que Miguel estava vivo e que sua perda persistirá sendo lamentável pode se desenhar como a luta política para que se amplie o sentido de humanidade, liquidada sob o cinismo do esquecimento institucional de nossos mortos. Há força disruptiva que as horas que nos foram arrancadas lançam no céu da história. Instituir práticas de narrabilidade que esmoreçam a imposição cotidiana da morte é parte de nossa capacidade de respirar. Que narradores e narradoras não seriam mais propícios para o momento presente do que as existências frágeis e, paradoxalmente, contundentes das crianças a quem são negadas suas infâncias, como também suas humanidades e viabilidades? As crianças periféricas e as minorias na América Latina enfrentam, como Scherazade, o desafio de manterem-se vivas, apesar do que lhes é imposto. Não é casual que parte de nossos escritos contemporâneos se volte à infância, não como época perdida definitivamente, mas como oportunidade de tornar legível um passado oprimido. As crianças são seres políticos. Elas nos poderão ajudar a imaginar e desdobrar de outro modo nosso desejo de continuarmos vivos, junto aos que desconhecemos.

Sobre o artigo

Recebido: 27/03/2021

Aceito: 19/04/2021

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Felix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

KAFKA, Franz. **Narrativas do espólio (1914/1924)**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

KAFKA, Franz. **Um médico rural**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

2 de Junho. Intérprete: Adriana Calcanhotto. Compositor: Adriana Calcanhotto. *In*: **2 de Junho**. Intérprete: Adriana Calcanhotto. [S. l.]: Sony Music, 2020. (3:19). Disponível em: <https://m.letras.mus.br/adriana-calcanhotto/2-de-junho/>. Acesso em: acesso em 26/06/2021.